

# Veleiros da Essência

(Rubenio Marcelo)

vêm de horizontes nunca vistos  
e trazem à proa  
o mapa das messes inabituais  
num tempo infinito  
de invictas bandeiras e constelações...  
trazem o lábio astral e o astrolábio  
das meditações azuis  
que tecem sublimes maréações...  
têm adriças de sol e cordoalhas de mitos  
que atesam a fruição  
de transcendentos singraduras...

chegam altivos e sem defensas  
traçando itinerários  
coesos  
afinados com insólitas conhecenças...  
transportam sagas ancestrais  
e trazem nas gáveas  
núncios de auroras ressurgentes...

com místicos galhardetes  
mirando os destinos cor de nuvens  
afagam elísios  
que sibilam prelúdios e vilancetes  
e sabem dos seus timoneiros  
trajados de brim  
em brancas manhãs...

planam em silêncio na crista do verbo  
|atentos ao mínimo aceno|  
ao barlavento da criação  
entre códigos, gaivotas e plenilúnios...  
singram íntimas dádivas  
para ampliar as escotilhas do sonho  
e plenificar faróis nos  
e s t a i s  
da vaguidade...

vêm do estro  
para nos desancorar das ilhas perdidas  
vêm para fecundar correntes  
no estio das vigílias  
e para nos (e)levar  
à paz das alvíssimas florações  
dos portos longínquos...

## Sal da existência

*I.*  
no latente diário de bordo  
da estação das verdes aragens  
desadormecem  
revelações e sagas desveladas...  
sangram clepsidras  
e flutuam pontiagudos espasmos...  
[antigas inquietudes avivam  
o ventre nu da memória].

*II.*  
há ilusões, tesouros e querubins  
nas rotas dos albatrozes  
perdidos  
há sortilégios e salmos esquecidos  
em tardes carmins...  
há pendões de segredos brotando  
das lanças fincadas no tempo  
demarcando ilhas  
arenas e praças ressurgentes...

*III.*  
inexiste a justificativa  
do eco azul que excita o penhasco...  
é inútil o penhor  
do asco que foi volúpia  
sem cópia pelos divãs...  
não há nenhuma razão no empenho  
e nas reprocuras  
que perecem no tombadilho sombrio das maresias...  
não há rimas e romãs  
nem travessias.

*IV.*  
infundas esperas | em fendas | em eras |  
já não reaprendem o que era  
o cio das íntimas expectativas  
nas quilhas dos dias...  
entre o cenho do devenir e a lividez do silêncio  
um terçado espreita as horas...  
|faz-se estio o entressonho|

*V.*

no aguardo da caravana do crepúsculo  
a certeza medonha  
de anúncios e desolação.  
em cristais transfigurados  
vem a brisa que edifica a lágrima  
vêm os dardos que demarcam  
o sol da resistência  
o sal da existência.

® Rubenio Marcelo

## O desguardador de dores

### *I.*

em suas retinas  
as imagens imóveis não codificam  
as ânsias que lhe habitam...  
e não pela vez primeira  
um sorriso urgente molda-lhe o semblante  
adolescendo as esperas  
e contemplando o segredo das auroras...

### *II.*

quais mármore espedaçados  
suas palavras pedem o gume do vazio  
pois os organogramas das manhãs  
já diluíram o faro das suas reminiscências...  
e mais uma vez os sabiás de voos dourados  
que lhe gorjeiam e apontam o sol  
desateam o óbito do devenir

### *III.*

sem surpresas  
cortando o pulso das horas  
lateja em sua fronte  
a mesquinhez acrobática do cotidiano...  
e novamente amadurece em seu olhar  
o néctar que reinventa os jardins  
que colorem os colibris do sonho

### *IV.*

a flor negra na lapela do tempo  
espreita os seus passos matinais  
enquanto os arranha-céus da solidão  
ocultam o sorriso dos flamboyants...  
e salvaguardando-se com silêncios  
ele grita a liberdade

sempre  
assim...

*V.*  
e assim ele segue  
sempre  
e  
sempre  
aguardando andores  
desguardando dores...

® Rubenio Marcelo

## Contemplador de silêncios

*I.*  
branco de sonhos  
ele não brinca de senhas  
e enovelando os flocos da solidão  
busca a meada e o fio  
das nômades coerências da silencitude

*II.*  
ausências retesadas não leem suas linhas  
nem alinham suas mãos  
que driblam o casulo dos desejos...  
qual voo desfeito na falésia  
é a sensação do agora  
– há presságios lógicos refletidos no vazio  
das ruas minguentes que lhe acenam...

*III.*  
acolhendo o lapso que apazigua a dor  
ele recobra o estatuto da aurora  
e clareia-se em passos de cirandar...  
comete dádiva dourada  
e a tácita taciturnidade da surpresa  
que instiga a desinquiétude  
pelos postigos da essência...

*IV.*  
e tirando os véus do seu mergulho  
ele renega as setas do delírio e da angústia  
retornando ao imponderável instante  
fincado no desvelo inconsciente  
– seus pilares neurônicos latejam  
sem excessos e sem punhais...

*V.*

ante a libido esfarelada da emoção  
e a pulsão das estranhezas reveladas  
ele queima a carta de despedida  
vai ao espelho  
recolhe a lágrima banal e insana  
reprime o transgressivo grito  
desmelancoliza-se  
reordena o seu vir-a-ser  
e renova-se em estado de silêncio...

® Rubenio Marcelo

## Gaivotas

Na barca veleira  
dos meus sentimentos  
gaivotas pousam cansadas,  
como a procurar as luzes efêmeras  
das pálpebras do tempo...  
Em revoadas, tecem auroras  
no vértice das chegadas e partidas  
que me eternizam lembranças...

Estas gaivotas  
me ardem palavras matinais  
e, à noite, confundem-se  
com as estrelas irrequietas  
do meu espaço mental...

Deixam-me insone  
para vigiar as minhas intenções  
e o sarcástico segredo  
do fogo dos desejos  
ante as dádivas das direções anunciadas  
pelos anjos sem trombetas...

Estas gaivotas  
emprestam-me suas asas  
para que eu sinta  
|por entre as sombras das realidades caolhas|  
a leveza de um novo olhar  
no claro-azul das mutações circundantes...

Estas gaivotas  
reinventam rotas nas minhas retinas...  
Adornam a minha solitude:

entendem as certezas dos meus desalentos  
e equilibram o voo  
das minhas incertezas...

® **Rubenio Marcelo**

## **SOLITUDE**

Hoje eu quero soltar meus cães-pastores  
Pelas ruas desertas do meu ser...  
Deixar minha cerviz espairecer,  
Vivendo a solidão dos desertores.

Eu preciso sondar os corredores  
Que me levam – às vezes, sem querer –  
Às sombrias visões de um quefazer  
Recostado na frente dos andores...

Hoje eu quero somente a calma  
Do florete que adorna a penedia  
Que comprime o vão do meu pelourinho.

Nesta noite eu só quero os braços meus  
Procurando o meu vulto. E peço a Deus  
Pra que me deixe assim: um ser sozinho!

® **Rubenio Marcelo**

## **CELEBRAÇÕES \*** **[ao teu Dia, Manoel]**

Aos resolutos voos de um impulso azul,  
os segredos dos horizontes  
buscam as escadarias tatuadas  
pelas vibrações da essência...  
Um pendão de silêncio  
perfumador de visões  
desenvelhece o final da tarde...

Indiferentes  
ao teorema rudimentar do tempo,  
caramujos e rãs  
velam os recipientes das nuvens,  
regam as estrelas com a seiva das avencas  
e reinventam dádivas indormidas  
ante o estado de infinito  
dos enigmas espelhados  
no colo da noite...

Das varandas da madrugada  
a lua desconhece  
edifícios e vitrais  
e  
aos poucos  
dá lugar aos lírios...

Em seus destinos e acenos,  
pássaros, pedras,  
árvores, ventos,  
bichos e águas  
celebram liberdade  
com borboletas  
que rendilham o alvorecer  
e restauram trilhas humanas...

Do chão festivo  
brota uma harpa em timbre de poesia,  
reinaugurando o enlevo  
e anunciando  
o dia...

– Teu dia, poeta!

**® Rubenio Marcelo**

*\*Ao poeta Manoel de Barros no seu aniversário.  
(19/12/2013)*

## **E s p E l h o**

ah  
este espelho reflete-me em cada traço  
cada gesto  
cada cor

na sala, no quarto, no banheiro...  
ei-lo sisudo

a  
mostrar-me  
o semblante

de cada dor.

há  
uma dor que me reflete em cada espelho  
cada sestro  
sem compasso

na sanha da refrega, trafega  
sobre tudo  
a  
prostrar-me  
invigilante  
em cada passo.

® **Rubenio Marcelo**

## **porto e navio**

eu trago em mim um rio  
e assim sorrio,  
lembrando que sou rio  
e mar também...

somar meu rio ao mar  
é bom, faz bem  
e marca a dimensão  
de um sonho a fio...

em mim há sempre um porto  
[um desafio,  
que é rio e mar] que ri



de mim, pois tem  
as minhas restrições  
e, assim, também  
sou navegante ousado  
e sou navio...

® Rubenio Marcelo

## CORUMBÁ

### *I.*

alçar voo com a natureza,  
aos olhos ardentes da branca estação,  
embarcar na primazia  
e singrar o rio Paraguai...  
velejar a floração da paz  
refletida nas messes  
das águas e céus azuis  
em harmônica meditação  
com aves e camalotes...

### *II.*

passar... conjugando sagas  
entre paisagens e alamedas...  
reviver símbolos vitais  
em lúcidas evocações,  
contemplar templos e monumentos...  
aquecer-se...  
fecundando os graais da essência.

### *III.*

ao lume de invictos fanais,  
desvendar arcanos horizontes  
e percorrer as sendas  
que abraçam o semblante do porto...  
definir os segredos  
de inesquecíveis imagens  
e imaginar quanta história  
está resguardada naqueles casarios...

### *IV.*

nas telas naturais da beleza,  
reinventar o enlevo,  
flertar com os madrigais

que apascentam o sonho...  
ser assim encanto e acalanto,  
qual fauna e flora  
do Pantanal...  
ser luz e transcendência,  
como o verso de Lobivar  
e o traço de Jorapimo.  
viver... viajar...  
ser feliz  
em Corumbá!

® Rubenio Marcelo

## Velho relógio de parede

Ah, este velho relógio de parede  
irritando as horas, imitando enoras  
no convés do mundo,  
tentando pôr os 'ires e vires' no ponto.  
Minutos e segundos  
que consomem nossos ouvidos,  
enquanto as vidraças  
sorriem dos supersônicos...

Ah, este relógio antigo...  
Nele, o tempo desconhece  
a velha engrenagem humana  
na parede pregada  
e sem ponto de fuga;  
nele, as luvas das jornadas  
renegam a impontualidade  
do cantar dos galos...

E, a intervalos  
nem tanto regulares,  
há sempre algo a nos dizer  
que o tempo não se assusta  
diante do espelho,  
nem sente falta de um divã na sala de estar,  
tampouco se impressiona  
ante as acrobacias de um raio de luz.

Em ponto de cruz,  
o tempo borda imagens,  
à frente das carruagens  
cerzidas com norte incerto,  
perdidas num longo deserto...

Com tato, a noite traz o ponto de contato  
aos bichos e paisagens,  
aos seres e edifícios,  
aos desenleios e desejos.

A penumbra é o ponto alto: acomoda as cores da vida...  
Nas avenidas, velhos semáforos medem o caos;  
no mar, os rastros do plenilúnio  
dão o ponto de equilíbrio  
do sentimento cadenciado pelo mesmo vento  
que proporciona o fecundo voo de polens  
e o susto breve da donzela na escadaria...

E, na parede fria,  
o enfadonho relógio a refletir o tédio  
e a repetir  
a mesmíssima  
toada,  
qual uma ciranda de ganidos  
que demarcam um ponto.

Isto é ponto de honra  
e nunca se abala.  
Relógio de ponto  
em ponto de bala.

Relógio sem pulso  
a pulso na sala;  
qual ponto-limite  
ou ponte de sal...

Um tanto torto,  
em ponto morto,  
sem ponto  
a/final.

® **Rubenio Marcelo**

## **Na ponte pênsil do inconsciente**

Frenéticas ideias,  
decifrando nuvens no azul do instante,  
desenham com ênfase e êxtase  
o sentido das múltiplas sombras  
nas águas tristes do camaleônico rio  
e vasculham  
as entranhas  
de estranhas sensações...

enquanto o oceano mastiga o sal  
inato de suas aventuras,  
um grito intraduzível  
    demarca  
o palco da fúria dos ventos  
e o reflexo dourado dos girassóis  
em capítulos  
instintivos  
de fecundação...

olhares tingidos  
    num misto de fogo  
    e solidão  
perdem-se nos labirintos  
das paisagens  
entre/laçadas e consumidas  
nos parapeitos das horas...

os fragmentos dos sóis coloquiais  
descem a impura ladeira  
nas correntezas do tempo  
em ímpeto  
levando verdes ramos de sonhos  
para o lugar-comum  
das ilusões...

® **Rubenio Marcelo**

## **PARCELA**

*1.*  
no azul do poema  
a luz da canção  
agora um clarão  
antes tão pequena  
não mais quarentena  
que se encastela  
agora eu e ela  
no leme do dia  
rumo à escadaria  
cantando parcela...

*2.*  
assim, infinito  
nessa plenitude  
meus pés, amiúde,

procuram o grito  
perpassam o mito  
ardente aquarela  
aurora e estrela  
que já predestinam  
sazões que sublimam  
à luz da parcela...

3.  
oh tempo-verdade  
gravando o eterno  
já não mais hiberno  
a outra metade  
oh fertilidade  
que tudo revela  
com justa cautela  
quero ressurgir  
para refletir  
cantando parcela...

4.  
no bico do corvo  
deixei o meu múnus  
e os importunos  
punhais do estorvo  
agora não sorvo  
profana querela  
há porta, há cancela  
colunas, mansão  
adeus solidão  
no tom da parcela!

5.  
permanentemente  
honrarei o rito  
quesito a quesito  
manhã, sol-poente  
se dente é por dente  
ardente é aquela  
retina que zela  
o perfeito instinto  
no áureo recinto  
do canto-parcela!

® Rubenio Marcelo

que venha na nudez e no silêncio  
das intuições indecifráveis  
o acorde ressurgente  
que desperta o ritmo  
das partículas do íntimo liberto...

e esta liberdade une confidências  
de caminhantes  
e engenhos de destinos...  
esta elevação  
restaura o mister  
das alvas embarcações  
que demarcam pilares azuis e brancos  
no verde brilhante dos enleios  
renovados...

testemunhar o segredo  
das paisagens levitadas  
no pomar das inéditas claridades  
é velejar o essencial  
anunciando  
as parábolas erguidas nas asas da manhã  
e o prelúdio dos pássaros  
que re/pousam na ramagem dos sonhos...

nos mares ou nas avenidas  
há o leme  
o traçado confidencial  
o horizonte nas persianas do tempo  
a quase-súplica do desconhecido  
as mutações...

repentinas incertezas  
não desconstroem  
a rota da primazia que alimenta o eterno...  
sempre haverá ilhas  
no ventre livre do cotidiano  
e sempre há o vento nas rosas  
e a rosa dos ventos...  
– há sempre a viagem  
e o rumo  
para o mirante das conquistas...

para todo o sempre  
há um porto  
e um veleiro  
uma lira e uma chama  
na amplidão inexplorada  
de cada navegante.

## Entes e mentes

I  
plena mente  
mente clara  
claramente  
para a mente  
– s e m e n t e . . .

II  
entrementes  
mente rala  
raramente  
aclara a mente  
– dormente.

1.  
mentes plenas  
plenamente  
patentes...

2.  
mentes-geenas  
pequenas  
veem-se somente  
| veementemente |

## Nascença

A generosidade a duras penas  
não vale a pena: é atitude vã.  
Esta virtude só existe apenas  
naquele que a pratica em mente sã.

Assim, guardadas proporções e cenas,  
acontece também, cada manhã,  
quando nascem prelúdios, cantilenas,  
versos, vértices, sóis, flautas de pão.

O sol nasce pra todos (isto é vero),  
porém, de sol a sol, em tom severo,  
a musa do parnaso sentencia:

– Que só tem poesia aquele ser  
que já nasceu com ela pra viver  
num renascer dourado a cada dia!

® Rubenio Marcelo

## Fecundidade

dos seios nus  
da  
Poesia  
gotejam  
os mistérios  
que alimentam  
a  
eternidade...

® Rubenio Marcelo

## Caravelas

E descubro nestas caravelas  
as paisagens levitadas em sintonia  
com os pássaros e estrelas...  
naturalmente translúcidas



não precisam de carta das marés  
talvez das auras que arejam o espírito  
e edificam passadiços para  
a estesia do ser... ..  
de repente  
milhares de milhas são vencidas  
sem as incursões de corsários  
e sem os rangidos  
das noturnas lendas dos mares

nos ares  
os ecos azuis dos vilancetes  
desancorados das amuradas  
e refletidos nos rochedos flamejantes  
convocam os ventos  
para turnos extras de renovos  
e para embalar a solidão  
das sonâmbulas nuvens  
cravejadas de elegias...

e vejo sobre o convés principal  
destas caravelas  
vistosos cavaletes  
    com telas tridimensionais  
    e nelas  
prismas e pincéis de sóis  
a delinear símbolos lúdicos  
e a recriar elos de primazias intermináveis...

há códigos discretos  
nas velas dianteiras destas caravelas...  
inconventionais mensagens  
    [quais champanhas  
    com sabor de segredos]  
aos legítimos  
navegantes da essência.

® **Rubenio Marcelo**

## **VOO DE POLENS**

Que se fecundem corações e mentes  
e fortemente pulsem horizontes  
em novas fontes grávidas de voos  
buscando os ventos ou os flamboyants...

Em tons vibrantes, ritos plasmam céus,

descobrem véus e polinizam flamas:  
são anagramas dos meus ideais  
e os madrigais que flertam minha voz...

De fora em foz, os meus diversos portos  
vislumbram hortos, saem das vindimas  
em férteis ímãs de sublimações...

Que as florações insones sejam cantos  
e que estes tantos versos resolutos  
concebam frutos doces como o sonho!

® **Rubenio Marcelo**

## **Parceria**

O chão pode ser céu no canto alado  
que tece o infinito em parceria...  
A ave voa e pousa... e, neste estado,  
um par sem outro par o que seria?

Asas e pernas traçam sempre um fado  
moldando a cor da noite e o sol do dia...  
Assim, talvez em tom predestinado,  
o passaredo brinca em sintonia...

E cai a tarde... e novamente a noite  
vem pra velar do vento o seu açoite:  
da paz deixando eventos à mercê...

O mágico pulsar de um cata-vento  
o que seria se faltasse o vento?  
E a brisa sem o mar seria o quê!?

® **Rubenio Marcelo**

## **SORRIR...**

Quero sorrir, contigo, dos momentos  
que flertam nossos olhos inda acesos;

sorrir da dor que vem em passos lentos  
e nos faz ser assim tão indefesos...

Quero, na floração dos meus intentos,  
sorrir, contigo, cânticos coesos...  
Quero sorrir da tez dos desalentos  
e contigo mirar sonhos ilesos...

Quero, contigo, ser um só sorriso,  
pra sentir da leveza o tom preciso  
e, sorrindo, entender sinais quaisquer.

Na tenda dos misteres que eu persigo  
e nos sóis do amanhã, quero contigo  
sorrir também do pranto que vier...

® **Rubenio Marcelo**

---